

pls. I.
O.
Almeida
7

P R A N T O M A T R I C I A L

É esta a grande elegia pranteada por Valentin Paz-Andrade em memória de CASTELAO (Alfonso Daniel Rodríguez Castelao), símbolo que foi da sua amada Galiza, e no exílio "finou en Buenos Aires o 7 xaneiro do 1950".

Escrito em galego, e já vertido em castelhano por María de Villarino, recebe agora o comovido poema o meu tratamento em português: — labor que me impuz com o pensamento e a vontade de prestar homenagem a Castelao e Paz-Andrade (ambos amigos meus desde os idos de 1933) e de determinar a umbilical similitude entre o idioma-tronco e o derivado, a denunciar a peregrinidade do galáico-português, vera fala da Raça.

G. de A.

1. O QUE TODO GALEGO CHORARIA

CHORA, TERRA, O TEU PRANTO
das águas, e das lavras, e dos ares,
as vivas páreas cósmicas da raça,
em manto de neblinas envolvidas,
que o nosso fim à nossa origem ligam.
Deita nas áureas leiras do horizonte
lavradas de sóis-postos e levantes,
em miçangas de luz a debulhar-se,
as sementes feridas do teu luto.
Harpa de nobres cordas esquecidas,
ceva o teu som no coração retido,
e faz acordes num total latejo
almas, pássaros, rios e paisagens.

Chora, Terra, o teu pranto generoso.
O que todo galego choraria,
em roda de multânime silêncio
e olhares abatidos,
por sôbre o longo corpo derrubado
que fôra vivo mastro em luta nua;
perto daquêles beijos, sêca fonte
do verbo nunca dantes mais ~~político~~ *formoso*;
do peito primacial, reflorescido
de papoulas pampeiras
que invejam a nascença dos tojais;
e perto das mãos-postas feitas gelo
onde a eito brotaram da sua arte,

ph. II.
C. Almeida

no cerne da galega patronagem,
viçosas primaveras.

Chora, Terra, o teu prantô matricial.
O que todo galego choraria,
se inda chorar pudera,
até cobrir de lágrimas o mar.

2. A DOR DA PAISAGEM

DAS ÁGUAS DOLORIDAS, DOCE PRANTO
que escorra pela tez das alvoradas,
desde a raiz das ervas,
distilado no pingo dos orvalhos,
e solte seu latejo noite e dia
nas rezadoras chuvas que soerguem
o cantochão das telhas,
e o responso românico das gárgulas
por sôbre as pedras mortas de Santiago.

O cristalino pranto que é manado
pelos olhos das pontes,
onde o pulso dos rios esmorece,
e se acumula com o sol-pôr calado,
na verdecida soidão dos vales,
toda a dor da ribeira sem cantigas,
dos cruzeiros, das almas já sem luz,
dos caminhos sem lida lavradora,
dos lares sem o sangue que germina.

Pranto viril dos ventos galgadores
alimentados pelo sal da Ría,
que já não batem velas de Rianxo,
e te chamam, Daniel, com voz ferida,
—nas agulhas dos lentos pinheirais,
verdes córos arpados de Salnés—
ou com voz dos abismos, roncadeira,
na cratera fatal das corredeiras,
junto às rochas de Sálvora.

O gemido de ferro dos motores,
co'a agonia da névoa e dos naufrágios,
chamam-te pelas bôcas de Marín;
e o nacarado choro das buzinas,
uivando nos salgados areais,
sôbre as lajes rachadas das ~~trapiches~~ *escarpas*;
nos cabos onde escacham as tormentas...
co'o fôlego mais firme e sonoro
que brotasse de peitos marinheiros.

E alem, nos cocurutos desnevados

Fla. III.
Oslive

das serras fronteiriças,
ou pelos **carreadouros** dos lugares
esquecidos no êrmo,
a ímpar trompa que talham os pastores,
buzinada nas urzes,
lance também no azul fanal aberto
a coita da montanha taciturna,
ferida pelo mesmo desconsolo.

3. A TERRA E OS SINOS

FOI A TERRA LEVADA,
barro materno ao barro teu juntado,
co'os líricos loureiros,
no camposanto de Padrón ungidos
pelo amor e a dor de Rosalia...
sacra primeira estância dêste pranto.

Para compôr as outras,
tangidos de uma vez de Sul a Norte,
os sinos todos das igrejas todas,
que por todos redobram,
e também se ouvirão pelos obscuros,
não acolheram no coral de bronze
a dimensão da nossa desventura.

Por ti, Daniel, além dos campanários,
sinaleiros da morte empadroadada,
hão de dobrar, da vida, acentos novos;
hão de dobrar as cordas dos espíritos;
das cousas, seus metais;
das cousas,
em que os homens deixaram em farrapos
os farrapos da alma.

4. LÁ LONGE ...

QUE SE ESCUTEM AGORA
os seus acentos líricos lá longe,
vibradores na livre
rêde dos meridianos de ultramar.
E mergulhem, Daniel, no mesmo pranto
as últimas esteiras
das tuas singraduras à deriva
desde o trópico a fogo tatuado

espantosa

Fls. IV.
P. 11

à balbúrdia do Hudson, e às peladas
serras de Araucania.

Em Cuba se derramem, e no mar
de Cortés, e no ardente
mato dos bandeirantes paulistanos,
e nas punas do inca,
e nos pampas do gaúcho cavalgadas,
com Dom Segundo Sombra pelas dunas.

Oceano de terras
de encontro ao dique sísmico dos Andes,
mexido pelo zonda sequioso
e por quilhas sem leme navegado;
natureza auroral que se espreguiça
com enxêrto de vidas ~~desganhadas~~ *esgarçadas*;
foro aberto do mundo,
onde a estrêla dos párias também luz;
mapa de livramento pressentido,
onde o sangue romeiro dos galegos
a aventureira vocação renova.

5. TEU DESTINO

SEMEADOR DEIXADO,
peregrino amoroso dos roteiros
para o destino da Galiza abertos;
flor das vidas chagadas no azedume
incerto do desterro:
a tua sina era morrer por lá.
Por lá, sem escutar as elegias
do violino dos cegos,
e a sanfona de pedra dos Profetas,
que somente por ti soar pudera.
O de morrer sentindo na agonia
a quentura arterial dos emigrados,
longe do morno olhar das Dolorosas
talhadas no respaldo dos cruzeiros.
O de ancorar a nau, desarvorada,
nos molhes de alem-mar,
abrindo sulcos novos à saudade;
acendendo de novo as méchas da alma
na Galiza emigrante, e na Galiza
que ainda aguarda, Daniel, o teu retorno...

Fls. V.
Almeida

6. QUANDO VOLTARES ...

NA MATRICIAL GALIZA, SEMPRE TUA,
que desde a Torre de Hércules ao Minho,
um facho acenderá em cada ilha,
quando voltares pelo mar;
de tojo uma fogueira em cada monte,
quando voltares pelo mar;
na coroa dos castros um archote,
quando voltares pelo mar;
uma loura candeia em cada pinho,
quando voltares pelo mar;
ou seu círio de arestas os ciprestes,
quando voltares pelo mar;
luzes de lume branco em cada mastro,
quando voltares pelo mar;
um farol marinho em cada dorna,
quando voltares pelo mar;
velinhas na janela em cada casa,
quando voltares pelo mar;
e as pérolas das lágrimas vertidas,
quando chegares pelo mar,
quando chegares pelo mar...

Galiza, 1954

Tradução de

Guilherme de Almeida.-

